

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

RANIERE MARQUES DE MELO



CAMPINA GRANDE

2010

RANIERE MARQUES DE MELO

NA TRAMA DA ANÁLISE DO DISCURSO: CASSETA E
PLANETA E AS *VONTADES DE VERDADE*

Trabalho monográfico apresentado à Banca Examinadora da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência da disciplina Redação Científica para obtenção do grau de graduada em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dra. Maria Angélica de Oliveira.

CAMPINA GRANDE

2010

RANIERE MARQUES DE MELO

NA TRAMA DA ANÁLISE DO DISCURSO: CASSETA E
PLANETA E AS *VONTADES DE VERDADE*

Monografia apresentada para a obtenção do título de Graduada em Letras da Universidade
Federal de Campina Grande

Campina Grande, Dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra. Maria Angélica de Oliveira
Orientadora

Prof. Dr. Marco Antônio Margarido Costa
Examinador



A Deus, eterno amparo e por ter me ajudado
nos momentos mais difíceis da minha vida;

e aos meus pais, Silvia Marques de Melo e Reginaldo Gomes de Melo, por terem me incentivado nos estudos, deixando para mim um legado de convicção e fé.

AGRADECIMENTOS

À Mariana, minha companheira fiel, pela paciência de sempre, pela motivação, pelo cuidado amoroso e pela compreensão. Obrigado por tornar minha vida mais feliz. Obrigado por sempre me encorajar através das nossas conversas;

Aos meus sogros Vera Lúcia e Edmar Barbosa por me acolherem tão bem em sua família, por me apoiarem em palavras e orações. Ao seu Edmar pela sua contribuição e ajustes neste trabalho, por ser uma pessoa simples;

À minha família, por entender minhas agonias. Aos meus irmãos Samuel, Deborah e Danúbia pelo companheirismo, pelas nossas conversas das madrugadas;

À professora Maria Angélica, por acreditar no meu potencial e ter desenvolvido junto comigo um projeto de pesquisa que muito me amadureceu na AD. Por ser meu grande exemplo de uma professora nata e, sobretudo, responsável. Por ter me acompanhado desde a minha primeira disciplina do curso, Linguística I, até a monografia. Baterei sempre à sua porta, pois sei que ali encontrarei um coração humilde;

Às professoras Maria Santana e Niely pela humildade e pela resolução dos meus problemas acadêmicos. Por estenderem as mãos nas horas mais difíceis;

À todos professores e funcionários da Unidade Acadêmica de Letras, por conduzirem de forma organizada o curso de Letras;

À Maria Bernadete por ter me ajudado no momento em que eu mais precisei, pelas nossas conversas desafiadoras. E também a todos os colegas do curso de Letras, colegas de AD, pelas nossas discussões no LAED gerido pela professora Maria Angélica;

À Geraldo, amigo mais chegado do que um irmão, pelos seus conselhos e pelas conversas motivadoras. Por simplesmente me escutar nas horas difíceis;

Aos meus pastores Rivanda Alves e José Bezerra pelo aconselhamento espiritual e pela presença sempre amiga.

“*Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade*”. Sl 115:1.

RESUMO

Nosso estudo realizado na Universidade Federal de Campina Grande alicerça-se nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa. Esta pesquisa tem como escopo principal apresentar uma leitura discursiva de episódios do programa humorístico *Casseta e Planeta*. Seu objetivo principal é questionar as *vontades de verdade* presentes no humor depreciativo desse programa humorístico. Buscamos denunciar, como, nesse espaço, os *jogos de verdade* são usados para atacar, depreciar, diminuir e humilhar determinadas identidades (mulher, negro, político). Diante do *Casseta e Planeta*, procuramos investigar os sentidos que se instauram no discurso humorístico no que diz respeito à depreciação das identidades em questão; concluímos que tal discurso é perpetuador de preconceitos e de intolerância em relação àqueles que, por serem diferentes de um dado padrão social, são colocados à margem da “ordem do discurso”, tornando-se “vítimas” de uma violência velada aprovada com naturalidade pela sociedade. A partir dessa investigação, colocamo-nos diante dessas relações de comunicação presente no programa *Casseta e Planeta*, desvelando e questionando as *vontades de verdade* nelas presentes.

Palavras-chave: Humor depreciativo. Vontades de Verdade. Jogos de Verdade. Discurso.

RESUMEN

Nuestro estudio realizado en La Universidad Federal de Campina Grande se basa en los supuestos del Análisis del Discurso en lo que dice respecto a los estudios foucaultianos. Esta pesquisa tiene como objetivo principal presentar una lectura discursiva de episodios del programa humorístico “Casseta e Planeta”, con el intuito de cuestionar “las ganas de verdad” presentes en el humor despectivo de este programa humorístico. Buscamos denunciar como, en este espacio, las ganas de verdad son usadas para atacar, depreciar, disminuir y humillar determinadas identidades (mujer, negro, político). En la lectura discursiva del “Casseta e planeta”, buscamos investigar los sentidos en cuestión. Concluimos que tal discurso es perpetuador de prejuicios que generan intolerancia en relación a aquellos que por ser diferentes de un dado estándar son puestos a la margen del “orden del discurso”, convirtiéndose en víctimas de una violencia velada, aprobada con naturalidad por la sociedad. A partir de esta investigación, nos ponemos delante de estas relaciones de comunicación presentes en el programa “Casseta e Planeta”.

Palabras-Clave: Humor depreciativo. Ganas de Verdad. Juegos de Verdad. Discurso.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| I. Sobre o Casseta e Planeta: <i>Jogos/ Vontades de Verdade</i> | 13 |
| 1.1 Um programa humorístico: seu histórico..... | 13 |
| 1.2 <i>Jogos/Vontade de Verdade</i> no discurso humorístico depreciativo..... | 14 |
| II. Estereótipos e Identidade: as <i>desleituras</i> do humor depreciativo..... | 19 |
| 2.1 (Des) ordem nos Ministérios: Lula e a Ministra Melancia..... | 20 |
| 2.2 A identidade negra e seu estereótipo..... | 26 |
| 2.3 Desvelando o ‘cafofo’ do Obama..... | 29 |
| 2.4 Sobre o político brasileiro..... | 32 |
| 2.5 Estereótipos femininos: loira burra e mulher adúltera..... | 34 |
| Conclusão..... | 40 |
| Referências..... | 41 |

INTRODUÇÃO

“A linguagem é um sistema de relações de sentidos onde, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um”. (Eni Orlandi)

Sabemos que a televisão é um mecanismo de comunicação que tem um alcance muito abrangente atingindo todas as classes sociais. Em nossa formação social, esse mecanismo funciona como um *jogo de verdade*, proclamador de várias *vontades de verdade* manifestadas no seio de nossa sociedade. Nossa pesquisa consolida-se na percepção de que toda relação é preenchida de ideologia e de diversas intencionalidades, portanto, a linguagem não é inocente.

A linguagem é “opaca” em sua natureza. Dada sua não transparência, através da linguagem são veiculadas *vontades de verdade* que moldam as identidades constitutivas do corpo social. As relações de comunicação promulgam *vontades de verdade* uma vez que estão imbricadas nas relações de poder. Alguns programas humorísticos veiculados pelas redes de televisão brasileiras asseguram e (re) afirmam negativamente alguns estereótipos de nossa sociedade.

As relações de comunicação presentes no programa humorístico estão alicerçadas nas relações de poder e são, portanto, transmissoras eficazes de *vontades de verdade*, de saber e de poder. É justamente a partir daí que decorre toda urgência de nos debruçarmos diante dessas relações de comunicação, desvelando as *vontades de verdade* nelas presentes.

Embasados nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo nos estudos foucaultianos buscamos, no espaço do intradiscursos, analisar as *vontades de verdade* existentes nas cenas- texto do *Casseta e Planeta*. Para isso, percebemos o texto como materialidade discursiva, produto sócio-histórico-ideológico que se consolida em sua relação com o real, com a história, com a memória.

Para delimitação do *corpus* dessa pesquisa, decidimos ler e desler alguns episódios do programa humorístico *Casseta e Planeta*. Esse programa é formado por um grupo

humorístico, criado com a fusão de duas publicações feitas no Rio de Janeiro: a revista Casseta Popular e o tabloide O Planeta Diário.

Esse programa tem a finalidade principal de gerar o riso. Desse modo, camuflado pelo humor, pelo riso, tornou-se campo profícuo para a manifestação de discursos depreciativos de determinadas identidades e estereótipos. Como programa humorístico, alicerça-se através de estereótipos dessas identidades gestadas nas formações sociais. Os estereótipos, assim como as identidades, são sociais, imaginários e construídos, no entanto, ao contrário da identidade, geralmente, esses são uma redução destas, ou seja, “uma espécie de identidade pelo avesso – digamos uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de outro lugar”. (POSSENTI, 2002, p.156). Vejamos, por exemplo, que em relação à identidade negra, o programa apresenta um estereótipo negativo dessa identidade. O negro passa a ser caracterizado como aquele que é preguiçoso, charlatão e vulgar. O mesmo acontece com a identidade feminina cujo simulacro está circunscrito às esferas da sexualidade, à mulher sexualmente disponível, como fetiche.

O lado risível desse humor é perpassado por alguns discursos depreciativos. Assim, o que foi criado para gerar o riso também pode gerar preconceito e intolerância. Esse humor se configura enquanto práticas que produzem uma agressão física e verbal àqueles que se enquadra em dados estereótipos enfatizados. Não nos referimos somente à violência física, mas partimos do pressuposto de que o discurso de intolerância é feito com deboche e escárnio, o que pode causar males psíquicos; através de práticas como o *bullying*¹, fenômeno tipificado como prática violenta que também acontece nas escolas.

Diante do exposto, entendemos que são necessárias ações que nos auxiliem enxergar a práxis discursiva, a *aprender a ler o real sob a superfície opaca, ambígua e plural do texto* (COURTINE, 2006, p. 19). Como uma proposta de leitura discursiva de episódios do programa humorístico analisado, nossa pesquisa busca questionar as *vontades de verdade* presentes no humor depreciativo desse programa, assim como apontar os recursos linguístico-discursivos que são usados para atacar, depreciar, diminuir e humilhar determinadas identidades.

¹ “O bullying, termo sem equivalente no português, é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, de forma velada ou explícita, adotado por um ou mais indivíduos contra outro, causando dor, angústia e sofrimento”. (FANTE, 2005, p. 28)

Constituem-se como *corpus* de análise da nossa pesquisa dez episódios do programa humorístico *Casseta e Planeta*. Seleccionamos as identidades mais recorrentes quanto à depreciação e as que estão sendo, de algum modo, colocadas no lugar marginal em nossa sociedade.

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa do tipo descritivo- interpretativo. Os dados da pesquisa são de natureza documental. Desta forma, gravamos episódios do programa humorístico *Casseta e Planeta* no segundo semestre de 2009, apenas uma amostragem. Serão objetos de análise cerca de cinco episódios exibidos nesse período.

No primeiro momento da nossa pesquisa intitulado: **Sobre o Casseta e Planeta: Jogos/ Vontades de Verdade**, teceremos considerações importantes sobre a história do programa, bem como apresentando os principais atores, alguns objetivos que fomentaram a criação do programa. Ainda nesse momento, discutiremos assuntos teóricos como os mecanismos de controle do discurso. Partimos dos pressupostos teóricos de Foucault (1995, 2006) para discutimos as *vontades/jogos de verdade*.

No segundo momento, **Estereótipos e Identidade: as desleituradas do humor depreciativo**, realizaremos a análise dos episódios escolhidos. Analisaremos a diferença entre identidade e estereótipo, bem como apresentaremos as *vontades de verdade* que alicerçam o discurso depreciativo. Tal discurso gera preconceito e intolerância aos que estão fora da “ordem do discurso”.

E por fim, apresentaremos as considerações finais, nas quais mostraremos sobre a importância de *ler e desler* esse tipo de comunicação estabelecida nessa forma de humor. Apontar algumas possíveis contribuições, bem como a desconstrução de leituras estabelecidas para que outras possibilitem uma visão crítica sobre o programa analisado.

I. SOBRE O CASSETA E PLANETA: JOGOS/ VONTADES DE VERDADE

Antes de fazermos uma breve apresentação histórica sobre o *Casseta e Planeta* é necessário dizer que esse é um programa humorístico o qual sempre retoma temas mais atuais, ou seja, as piadas que são veiculadas confirmam e asseguram as manifestações culturais, sociais, e ideológicas já conhecidas pela sociedade. Esse programa televisivo parodia as novelas da própria emissora de televisão e com isso, geralmente, produzem discursos que representam, de forma grosseira e estereotipada aqueles que estão fora da ordem do discurso. Apresentar o histórico desse programa é expor os lugares-comuns das piadas que são veiculadas, bem como os objetivos que motivaram o início do programa. Em geral, esse estudo nos ajuda a perceber que as relações de comunicação estabelecidas no programa alicerçam as relações de poder. Assim, as relações de comunicação manifestam *jogos/vontades de verdade* no seio da nossa sociedade.

1.1 UM PROGRAMA HUMORÍSTICO: SEU HISTÓRICO

Em 1978, três estudantes da escola de engenharia da UFRJ: Belo Silva, Hélio de La Peña e Marcelo Madureira resolveram lançar o CASSETA POPULAR. No princípio, era apenas um jornal mimeográfico, mas que despertou o interesse das pessoas. Dois anos após, o grupo ganhou mais dois novos integrantes, Bussunda e Cláudio Manoel. O jornal evoluiu e se transformou num tablóide. A irreverência foi sempre a marca do grupo, desde o seu início. As piadas, geralmente, estavam ligadas às esferas do sexo e do deboche.

Em 1984, o sucesso dos tabloides ganhou um novo estilo, o PLANETA DIÁRIO surge nas bancas do país. Isso ocasiona uma mudança significativa, pois tal lançamento mudou a cara das publicações de humor no Brasil. O jornal de humor foi comandado por Hubert e Reinaldo e foi publicado nas bancas. Isso representou a aceitação do público, já que o material tinha como objetivo o riso a partir de fatos sociais de conhecimento dos leitores.

Obtiveram um grande sucesso de vendas e fomentou o crescimento da CASSETA POPULAR, que fazia seu primeiro show. Apresentaram-se no restaurante Manga Rosa, em Botafogo, no Rio de Janeiro com o nome o “Casseta in Concert” - Coral Coro de Pica. Percebemos que desde o seu início o grupo se utiliza, quase sempre, de uma linguagem atrelada as esferas da sexualidade.

Dois anos após a publicação em jornal, a CASSETA POPULAR chega às bancas, em forma de revista. Em 1988, ocorre a fusão dos dois grupos. Todos eram redatores da Rede Globo, responsáveis pelo texto do programa semanal TV PIRATA, além das duas publicações. A empolgação de todos com o crescimento do grupo, motivou a criação de um show onde eles mesmos atuassem. No mês de março de 88, o grupo lançou o show “Eu Vou Tirar Você Deste Lugar”, que percorreu várias capitais no país. O grupo também já participou da política, lançando o *Macaco Tião* para Prefeitura do Rio.

No ano de 1989, o grupo foi trabalhar com a música. Gravaram o primeiro e polêmico disco “Preto com Buraco no Meio” (Warner). Anos depois, gravam o CD “Para Comer Alguém” (Velas), e em 2000 lançam o seu mais novo CD “The Best Of Casseta & Planeta” (Som Livre). Um ano após, o grupo aparece na televisão na cobertura do Carnaval pela TV Globo, ao vivo, no Sambódromo. Foram aprovados no teste, no ano seguinte eles estavam escrevendo e atuando no programa mensal *Doris Para Maiores*. Podemos ver que desde o início do grupo existe um mote reafirma o lugar da sexualidade no grupo

Em 1992, o grupo entra para a história da televisão brasileira. O grupo estreia o programa *Casseta & Planeta Urgente!* Com o slogan jornalismo mentira, humorismo verdade, os artistas-repórteres tinham como objetivo causar riso nos telespectadores. Atualmente, o “Casseta & Planeta” tem o seu espaço na Internet. O programa conta com sete autores que atuam em televisão, shows, discos, livros, internet.

Por fim, percebemos que esse apelo à sexualidade, presente em todos os episódios analisado, constitui-se enquanto estratégia de afrontamento a alguns tabus. Tabus e pensamentos que, historicamente, mantiveram uma interdição dos discursos relacionados à sexualidade no seio familiar e da sociedade. Assim, o programa se utiliza do humor a fim de afrontar dados tabus sociais.

1.2- RELAÇÕES DE PODER: JOGOS/ VONTADES DE VERDADE NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Para Foucault (1995b), o poder é um dispositivo que aciona relações entre sujeitos sociais. Uma dessas relações é conhecida como relações de comunicação. Para esse estudioso, as relações de comunicação “transmitem informação através da língua, de um sistema de signos ou de qualquer meio simbólico” (Foucault, 1995b, p.240). São, portanto, um meio de circulação do poder no seio da nossa sociedade. As relações de comunicação são ligadas as relações de poder. Desse modo, o programa analisado promulga ‘supostas’ verdades através dessas relações de comunicação, exercendo uma relação de poder sobre os mais variados sujeitos.

Quando analisamos essa questão do poder, percebemos que a mesma está intrínseca em todas as relações sociais e de comunicação. Essa última relação pode ser bem exemplificada quando nos referimos à televisão, meio de comunicação de massa, que a todo tempo promulga determinadas *vontades de verdade*. Sendo assim, não há como falar em ‘poder’ se não levarmos em conta as *vontades de verdade* que são as bases para o mesmo.

No livro *A Ordem do Discurso* (2006), Foucault elenca alguns mecanismos externos de controle do discurso: a interdição, a rejeição e a vontade de verdade. Quanto ao primeiro, a interdição, se configura como uma restrição daquilo que poderia ser dito e não é. As interdições que atingem o discurso revelam que o discurso está ligado ao poder. Foucault afirma que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo qual se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 1996, p.10).

A rejeição é apontada como um dos mecanismos de exclusão desde a Alta Idade Média. O discurso do louco era aquele que não podia circular livremente, as suas palavras e seus discursos denunciavam um lugar de isolamento e exclusão por aqueles que eram concebidos como ‘sãos’. Esse mecanismo, portanto, estava alicerçado em práticas sociais ou em saberes da medicina que ratificavam e asseguram a não-verdade na palavra do louco.

Foucault (2006) apresenta o discurso imbuído de poderes, apresenta procedimentos que constituem o discurso, enquanto saber e poder. Um saber que vem atrelado ao poder. Para melhor exemplificarmos, lembremo-nos em que lugar social ocupava o louco na Idade média. Segundo Foucault (2006b: 11):

“Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na Justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo, pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua,

por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber”.

Percebemos que o discurso da medicina e da psiquiatria, nesse período histórico, acerca dos loucos representa uma *vontade de verdade* de que tais doentes não podiam conviver socialmente e que suas comunicações eram vazias, destituídas de verdades, *a palavra só lhe era dada simbolicamente*. Ou seja, a palavra não era dada como um signo que tem possui um significado e significante. Os discursos, tanto o da medicina e da psiquiatria, funcionam como *jogos de verdade* alicerçando as *vontades de verdade* acerca dos loucos.

O último mecanismo, vontade de verdade, funciona também para representar como o saber é aplicado em uma sociedade. Foucault propõe uma vontade de verdade, a qual, “se nos situarmos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrário, nem modificável, nem institucional, nem violento” (FOUCAULT, 2006, p.14). Por outro lado, se levantarmos a questão de saber, situando-nos em outro nível, qual é essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história.

Essa teoria nos ajuda a entender que a verdade não se encontra mais na enunciação, mas no enunciado. Encontra-se, agora, no discurso que foi construído sócio-historicamente. Por fim, entendemos que as “vontades de verdade” foram estabelecidas também de uma relação com o social e a história e são transmissoras das relações de poder. Segundo Foucault (1995, p.12): “o importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder”. Não há como falar em mecanismos de controle do discurso sem relacionar com a questão do poder vista em Foucault.

A questão do poder vista em Foucault difere da idéia de poderio. O poder não deve ser visto como repressão, que castra a vontade ou só traz apenas males. Em a *Microfísica do Poder*, Foucault(1995a) afirma que esse tipo de poder ou relações de poder é produtivo e não traz somente a repressão:

“O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (FOUCAULT, 1995a, p.8).

Essa afirmação teórica nos faz perceber que o poder deve ser analisado como algo que permeia, circula e que funciona em cadeia. Nunca está localizado em lugares estáticos, nem tampouco se concentra nas mãos de alguns. Segundo esse filósofo Francês, o poder funciona e se exerce em rede. Cada sujeito, em suas malhas sociais, exerce o poder e sofre sua ação. O poder que percorre todo corpo social, proporcionando saber, um saber materializado no discurso.

As relações de poder constituem as *vontades de verdade* e essas, por sua vez, servem de base para os *jogos de verdade*. Para Foucault (2004, p.182) os *jogos de verdade* compreendem um *conjunto de regras de produção de verdade de alguns temas fabricados em um momento particular da história*, ou seja, não consiste na busca do que é a verdade, mas em descobrir as regras, segundo as quais, os sujeitos tomam algo como verdadeiro ou falso.

Esse filósofo francês não concebe uma verdade como única e absoluta, ao contrário, transitória, mutável e questionável. Assim, busca *interrogar os jogos de verdade – isto é, as relações por meio das quais o ser humano se constitui historicamente como experiência –* permitindo ao homem uma identificação com a qual lhe subjetiva (Revel, 2005, p.87), por exemplo, quando o homem se identifica como louco, charlatão, preguiçoso ou trabalhador.

Portanto, toda suposta ‘verdade’ é fruto de algum tema histórico, possuído de relações de poder. Assim, todo *jogo de verdade* está relacionado às relações de poder e fundamentam as *vontades de verdade*.

Segundo Fonseca (2003, p. 25) o processo de subjetivação ocorre quando algumas práticas da nossa cultura, por exemplo, o trabalho constitui o indivíduo moderno como preso a uma identidade que não é sua. Todo esse processo ocorre nas tramas das relações de poder.

O poder na perspectiva foucaultiana se fundamenta *como ação sobre ação*. Ou seja, só existe poder porque existem possibilidades de resistências ao mesmo. Para Gregolin (2007, p.142): “Foucault não enxerga os indivíduos como autômatos que aceitam passivamente todas as determinações do poder”. Gregolin (2007) afirma: “o fato de haver uma ‘disciplinarização’ de ter sido necessário desenvolver mecanismos de controle e de vigilância contínuos demonstram que os sujeitos lutam”. Assim, o poder não é absoluto e nem tampouco permanente. Sempre revelará “possibilidades de resistência”.

Podemos utilizar a televisão como um grande exemplo de *jogo de verdade* na nossa sociedade atual. Toda produção discursiva que nela circula coloca em funcionamento dada formação social constituída das relações de poder que prevalecem sobre a nossa sociedade.

Temos nesse espaço de comunicação, um exemplo da relação entre a instância

discursiva, as relações de poder e os *jogos de verdade*, que é a crítica excessiva aos que estão, de algum modo, fora do padrão social. Evidenciado pelo discurso depreciativo de alguns programas de humor.

Em uma sociedade como a nossa, a televisão brasileira, através de alguns programas humorísticos promulgam *vontades de verdade* acerca do sujeito social e suas respectivas identidades e estereótipos. É preciso estar inserido no padrão social pré-estabelecido pela TV para não ser colocado fora da “ordem do discurso”. Sendo assim, nenhum sujeito quer estar à margem na sociedade *jogos de verdade*, havendo, portanto uma subjetivação a essas *vontades de verdade*. Quanto a uma possível subjetivação ou não, Oliveira (2005, p.7) afirma que:

“No entanto, como *jogos de verdade*, portanto, relações de poder, existe a possibilidade da resistência, existem técnicas de afrontamento. Nem todos os indivíduos irão se sujeitar a esses padrões, aos *jogos de verdade* que constituem esse sujeito. Se assim não fosse, a sociedade não seria heterogênea, seria um todo homogêneo em que todos teriam os mesmos ideais, os mesmos objetivos, talvez não existisse sociedade”

Por fim, acreditamos que a leitura dessas teorias foucaultianas nos auxiliará reconstituir ‘verdades’ produzidas pela história, identificar as coerções e *os jogos de verdade* da nossa sociedade, descobrir os tipos de discurso que acolhemos e fazemos funcionar como verdadeiros. E ainda perceber os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os discursos que são ‘verdades’ ou ‘mentiras’.

Essas contribuições teóricas nos auxiliarão no trabalho de análise dos episódios escolhidos. De modo que a ideia de poder vista em Foucault se desenvolve também nas relações de comunicação presentes no humor do “Casseta e Planeta”.

II. ESTEREÓTIPOS E IDENTIDADE: AS *DESLEITURAS* DO HUMOR DEPRECIATIVO.

O surgimento da AD francesa na década de 60 possibilitou um novo dispositivo de análise do texto. A AD nasceu como uma metodologia de leitura, questão formulada inicialmente por Michel Pêcheux – este predecessor propôs um novo método de investigação histórico-social voltado para a leitura. Essa corrente de estudo percebe no texto o seu funcionamento. Identifica o texto como um lugar de inscrição de múltiplas possibilidades do discurso, o que nos permite dizer que todo discurso está concretizado sob a forma de textos. O texto, por sua vez, constituído também pela linguagem para haja comunicação.

A linguagem humana não pode ser considerada somente como um sistema de normas linguísticas de apropriação humana para comunicação; antes deve ser vista como um fenômeno de interação verbal entre sujeitos sociais. Segundo Guimarães (2009, p.95), a linguagem é “um fenômeno social de interação verbal que pressupõe a constituição *de e por* sujeitos numa determinada situação histórica e social” (grifos da autora). Essa concepção discursiva sinaliza a linguagem como sendo uma atividade interindividual que causa efeitos e desencadeia reações.

A linguagem humana em sua natureza é subjetiva, isto é, sempre é expressa por sujeitos dominados pelas mais diversas intencionalidades. Esses sujeitos estão inseridos em uma estrutura social, imersos nas relações de poder que culminam na ação sobre ação. Essa relação de poder, como vimos anteriormente, circunda a estrutura social e aponta para a noção já vista por Foucault. Dessa forma, o leitor- telespectador também pode reagir ao humor depreciativo desse programa.

Nesse contexto de estudo, dos episódios do “*Casseta e Planeta*”, percebemos que a ideologia vem maquiada com um tom humorístico. Deste modo, percebemos em episódios do programa humorístico uma construção linguístico-discursiva que dissemina preconceito e intolerância.

Segundo Platão, a linguagem pode ser vista como “*pharmakon*” que em nossa língua significa remédio, veneno e cosmético. Diante do que apresentamos acerca de construção linguístico - discursiva do “*Casseta e Planeta*”, podemos dizer que a linguagem é usada como “cosmético”, pois, através dos estereótipos apresentados, mascaram a realidade julgando de forma apressada as identidades em questão. A linguagem desse programa, revestida pelo humor, torna-se sedutora, levando muito de seus leitores a aceitarem tais estereótipos como “verdades”, nesse momento a linguagem é veneno, peçonha perigosa cujo poder “mata” a criticidade, a capacidade de reflexão diante do humor depreciativo desse programa.

2.1 (DES)ORDEM NOS MINISTÉRIOS: LULA E MINISTRA MELANCIA

Dentro desse contexto, podemos afirmar que o texto produzido pelo “*Casseta e Planeta*” é definido aqui, como uma unidade de análise. De acordo com Orlandi (2008, p.65), o texto é “considerado como uma ‘peça’ no sentido de engrenagem. É uma peça que tem jogo, jogo que permite o trabalho da interpretação, do equívoco”. O sujeito-leitor através da leitura é quem realiza esse trabalho de significação do texto, acomoda as relações de sentido sobre sentido, ou seja, da memória sobre o texto e suas formulações.

Para a AD, a leitura de um texto se concretiza quando levamos em conta as condições de produção e o processo social, histórico e ideológico que compõem o seu invólucro, isto é sua historicidade. Assim, a leitura de um texto se consolida numa concepção de que a linguagem não é transparente, daí entendermos que as palavras utilizadas nunca terão sentidos unívocos, o que nos possibilita a qualquer momento um equívoco, a possibilidade do dizer ser outro. A utilização de outros textos no processo de interpretação é essencial, pois um texto sempre deve ser lido levando em conta sua exterioridade, sua filiação a outros dizeres.

De acordo com Orlandi (2007, p. 21) a relação de linguagem e sujeitos produzem discursos com diferentes efeitos: “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”. Quando analisamos o discurso do *Casseta e Planeta* percebemos os variados efeitos que podem causar entre os sujeitos.

O discurso é sempre produzido por uma formação social que alcança o sujeito, veiculando crenças e valores provenientes dessa formação sócio-discursiva. O discurso tem caráter interativo baseado nas ações de agir sobre o outro. Sempre determinado por questões históricas, sociais, culturais e ideológicas.

Para melhor mostrar a relação acima discutida, apresentamos algumas análises dos episódios do *Casseta e Planeta*. A seguir veremos as diferentes expressões, os diversos tratamentos linguísticos dado as identidades dos sujeitos: mulher e homem/ político. As condições de produção que fomentaram o surgimento desse episódio se deram em uma época de muitas denúncias públicas quanto ao número exagerado de ministros e o auge da dança creu da mulher melancia.

O presidente Luis Pancadácio Lula da Silva reuniu seus mais de 2.500 ministros para um importante comunicado:

- Companheiros e companheiras é com muito orgulho que eu estou aqui para anunciar o novo membro do Ministério, aliás, uma nova membra, uma ministra da agricultura: a garota melancia...(ao som de muito funk no senado, ministros e ministras dançando).

Presidente continua: e não é apenas só isso, a garota melancia, além de se destacar na agricultura, também bate um bolão na área da energia. Ela atinge as cinco velocidades e é capaz de gerar mais de 500.000 KW de energia abundante e bota abundante nisso.

O Presidente pergunta: Ô ministro 1.432 o que é isso? –Presidente, a ministra melancia está provocando um tremor de terra. Onde é o epicentro?

-Eu até sei onde é o epicentro, mas é que não posso dizer nesse horário... (risos)

Diante do presente fragmento do programa *Casseta e Planeta*, percebemos como os estereótipos da identidade política e feminina são construídos, nesse cenário, de maneira depreciativa, a fim de promover deboche e um riso camuflado por um humor que promove o deboche.

Nesse sentido, Possenti (1998, p. 49) afirma que “o humor nem sempre é progressista”, aquele preocupado prioritariamente com o avanço da sociedade. Percebemos que o fragmento acima vem embargado de ironia e deboche. Esses elementos se apresentam em cada cena-texto como um modo expressivo de contrariedade ao que está sendo dito, tem um tom de escárnio, zombaria e desdém. Ainda para Possenti, esse tipo de humor apresenta em geral um comportamento falacioso, ou seja, busca criticar e definir apressadamente o comportamento de dadas identidades, em geral: “toma-se muito freqüente e facilmente a parte pelo todo”.

Nessa cena-texto, o que parece claro para os telespectadores é que a forma feminina é tomada como mulher-objeto, ressaltando o corpo feminino como utensílio de prazer e de erotismo. A “Ministra Melancia” é Andressa Soares, mais conhecida por Mulher Melancia. É uma dançarina, cantora e modelo que se tornou célebre por ter seu corpo bem “sedutor e atraente”. Precursora do fenômeno funk carioca, conhecida como “mulher fruta”. Apresenta-se com uma das dançarinas da chamada “dança do creu”, composição do funkeiro MC Créu. Também já despontou na chamada mídia erótica com trabalhos na revista Playboy Brasil.

Podemos perceber, segundo Milanez (2006), que o corpo não é somente um invólucro com o qual se exerce atividades físicas e biológicas, mas também, deve ser visto como um corpo que é objeto discursivo, como prática discursiva. Pensar o corpo como enunciado é perceber que a partir do invólucro corporal temos novas significações que foram constituídas sócio-historicamente. A emergência desse discurso “corpo/prazer” nasce de um entremeio histórico e ideológico: as várias mutações da identidade feminina na sociedade e a *vontade de verdade* que lhe é constitutivo. Em nossa sociedade, embora a identidade do sujeito-mulher tenha se deslocado, o apelo à sexualidade em relação ao corpo feminino sempre foi e, ainda continua sendo, uma estratégia argumentativa. Usa-se, ainda o corpo feminino para chamar atenção dos telespectadores, como fetiche. Falar de identidade é fazer referência a algo que é móvel com capacidade de se deslocar historicamente culminando em novas significações.

Quanto à formação de identidades na imprensa televisiva, Coracini (2007, p.61) afirma que “só podemos, pois, *falar de identidade como tendo sua existência no imaginário do sujeito que se constrói no e pelos discursos imbricados que o vão constituindo, dentre os quais o discurso da ciência e da mídia*”. Essa afirmação nos permite pensar que o discurso da ciência, feminista, da mídia entre outros possibilitaram uma mudança no mundo feminino: historicamente, a mulher que antes ocupava principalmente o lugar de “rainha do lar”, a quem era proibido inclusive o direito ao voto, conquistou novos espaços e inúmeros direitos. Conquistou sua “liberdade” e trilhou diferentes caminhos, daqueles que lhe eram impostos. Hoje, a “rainha do lar” pode ser funkeira, pode posar nua para revistas masculinas. Embora essas práticas sinalizem, por um lado, uma “liberdade” desse sujeito; por outro, ainda temos um aprisionamento dessa mulher como fetiche do mundo da sexualidade. O lugar de um sujeito marcado pelo apelo sexual.

O que também proporciona a emergência deste discurso constitutivo da identidade da mulher é a “*vontade de verdade*” que é promulgada pelo programa humorístico. Foucault afirma que no interior de cada discurso existe uma vontade de verdade. De certo modo,

sabemos que, historicamente, acreditou-se que as mulheres não tinham direito a voto, nem a alfabetização porque eram inferiores aos homens ou porque foram feitas somente para atividades domésticas. Aliado a esta vontade de verdade existem os *jogos de verdade*, que são mecanismos de controle que tentam assegurar e promulgar as *vontades de verdade*. Comparamos o programa como um jogo de verdade que tenta promulgar “verdades” acerca da identidade feminina.

Desse modo, os jogos de verdade firmados para negar o voto da mulher tomam o discurso bíblico edênico (do Éden) que enfatiza somente uma atividade para a mesma: cuidar dos filhos e da casa. O que ainda é percebido como jogos de verdade é questão do militarismo da época concebido puramente em idéias machistas e intolerantes.

No programa *Casseta e Planeta*, percebemos que cada cena-texto produz um emaranhado de discursos perpassados por vontades de verdade. Nessa análise, vemos em um mesmo cenário, um personagem concebido como o Presidente Lula junto com vários homens e mulheres bem vestidos (ministros) em volta da dançarina Mulher Melancia com um vestido preto curtíssimo. Essa prática não discursiva vista na cena referencia uma mulher vulgar. A dança que embala o presidente e ministros não apresenta censura alguma, a mulher, considerada socialmente como melancia, atinge as cinco velocidades com gestos eróticos e sensuais, ratificando o discurso machista que promulga a mulher como objeto de desejo sexual, como fetiche.

As cenas-texto denunciam uma *vontade de verdade* da equipe do programa. Utilizam-se de um mesmo episódio para retratar a identidade do político. O uso da ironia serve para redefinir o novo perfil do político que é historicamente deslocado e significado de outra forma. Essa *vontade de verdade* é configurada por *jogos de verdade* que toma a questão do erótico como sendo algo bem aceito em nossa sociedade. A roupa da dançarina, os gestos, a musicalidade, a história do funk dão novos sentidos para a mulher e para o político. A vontade de verdade promulgada é que o político não se preocupa com as questões públicas, por isso sobra tempo para dançar funk no Senado Federal. No Brasil, isso é realidade, alguns políticos roubam e tudo acaba em “pizza”, tornam-se, quase sempre, impunes.

No que se refere à mulher, podemos ver um novo perfil feminino. A mulher não é mais a “recalcada”, esse novo perfil aponta para uma liberdade e/ou libertinagem. A cena-texto mostra que o Parlamento não é o lugar de tratar de assuntos sérios, mas um lugar de promiscuidade, um lugar de “brincadeiras”. Essa cena passa uma imagem negativa do Parlamento, bem como ridiculariza esse espaço. Percebemos que há deboche para os sujeitos

que são responsáveis pela manutenção da sociedade nesse espaço.

Diante de tal análise, o que colocamos em questão é o atravessamento de vários discursos veiculados. Para Orlandi (2007, p.21), “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”. Essa afirmação situa a relação de linguagem e sujeitos como produtora de discursos com diferentes efeitos.

Cada cena-texto estabelece uma comunicação entre os sujeitos telespectadores, uma vez que cada telespectador conhece quem é a “mulher melancia” e o porquê desse nome. Conhecem também o panorama histórico do Senado brasileiro, que revela verdadeiras histórias de corrupção, cassação. Essas possíveis evidências são demonstradas através do interdiscurso.

Sobre interdiscurso, Dantas (2007) afirma como sendo o conjunto de outros discursos já ditos e determinados em outros lugares e por outros sujeitos. Dessa forma, o sujeito leitor consegue resgatar essa formulação feita e fazer com que ela tenha sentido no atual momento. Como nosso material de análise é um texto parodiado, isso justifica que cada enunciado está necessariamente ligado a muitos outros. No *Casseta e Planeta*, entendemos paródia como um mecanismo da linguagem que possibilita a imitação de maneira ridicularmente cômica.

Quando tratamos do interdiscurso filiamos diretamente às questões de interpretação. As imagens só ganham sentido à medida que elas também fizerem parte da memória discursiva do sujeito. No caso da dança creu, sabemos que são imagens eróticas porque cada passo da dança retoma o mesmo gestual o qual é semelhante ao ritmo de um ato sexual. Dessa forma, a dança também aparece como um fetiche da sexualidade e de promiscuidade

Podemos analisar a expressão lingüística “Pancadácio” é um neologismo decorrente de duas palavras: Pancadão (som de funk) mais Inácio (sobrenome do Presidente) e faz alusão ao funk promovido pelo personagem do programa. O interdiscurso nos comprova que os espaços do Senado Federal e da Presidência da República são locais em que deveriam habitar a *Ordem e o Progresso* da nação já que este é o slogan da bandeira da nossa pátria. A imagem que construímos desses espaços foi concebida historicamente, quer no âmbito escolar ou na família. Durante muito tempo da nossa vida tomamos como verdade algo que foi se modificando e nos possibilitou uma nova reformulação de sentidos.

Nessa cena-texto, a imagem de Lula ainda aparece vinculada com a sua formação social de, sobretudo, a de ser alguém iletrado, que não sabe se expressar. Isso é justificado nesse fragmento: “anunciar o novo membro do Ministério, aliás, uma nova membra”. Essa troca do o/a denuncia um baixo grau de letramento, uma vez que o personagem tem

problemas em definir quais os gêneros usados nesse contexto de comunicação.

A expressão 2.500 ministros serve para ironizar uma realidade político-social. Um discurso que denuncia a quantidade absurda de ministros como talvez sendo desproporcional para as atividades do Ministério. Assim como também o uso da palavra energia, que neste contexto, não está ligada à física, mas se refere semanticamente à “mulher boa” que tem muita vitalidade e erotismo. As palavras, imagens e expressões nos possibilitam a evidência de novos sentidos e novas reformulações.

Essa leitura só é possível se concebermos cada cena-texto como um diálogo existente entre autor/texto/leitor e, como resultante de uma ação interativa entre eles, haverá uma determinação de sentidos como resultante apenas dessa ação conjunta. A Análise do Discurso afirma que os sentidos nem sempre estão visíveis na superfície do texto. A AD considera a questão da interpretação como sendo um lugar de observação dessa produção de sentidos e de constituição dos sujeitos. Logo, consideramos que o sujeito interpreta/lê a partir da história que tem. Segundo (ORLANDI, 2008, p. 62), “o mesmo leitor não lê o mesmo texto da mesma maneira em diferentes momentos e em condições distintas de produção de leitura”. Essa afirmação justifica o que afirmamos anteriormente e nos mostra que o mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes épocas.

Quando pensamos a interpretação do texto devemos também levar em consideração que este se concretiza, efetivamente, quando temos o verbal atrelado ao não-verbal. O que comprova que o texto do “*Casseta e Planeta*” é um texto multimodal, que traz em si as palavras, o som e o visual. Cada elemento colabora dentro desse espaço enunciativo a fim de transmitir *uma vontade de verdade* que assegura conceitos ideologicamente camuflados com um humor depreciativo. Desse modo, revela preconceito e intolerância o que ajuda ainda mais as práticas sociais de exclusão e de violência.

Como afirmamos anteriormente o “*Casseta e Planeta*” apresenta a identidade da mulher e do político às avessas, redefinindo-as a partir de novas construções históricas que foram ao longo dos tempos se deslocando até se inverter totalmente.

Para entendermos essa inversão e esse deslocamento nas identidades é necessário tomarmos com base a contribuição teórica de (HALL, 2006, p.13): este estudioso afirma que “a identidade torna-se “celebração móvel”: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” não é algo fixo e acabado”. O que justifica que sempre estamos abertos a novas definições sobre si mesmo e sobre os outros. Vale lembrar que existem autores que preferem

o termo ‘identificação’ já que este é um processo em andamento, ressalta ainda do ‘vazio’ que procuramos preencher e nunca conseguimos. Esse vazio exterior aponta para a seguinte ideia: o outro se descobre na alteridade.

Tendo em vista que a mídia tem grande poder de fascínio e que o discurso e poder são indissociáveis, logo, todos querem estar na ordem do discurso, como diz Foucault *todos querem se apoderar do poder*. Atualmente, ser funkeira é sinônimo de poder e algumas mulheres aspiram a esse poder, querem ser comparadas com tais identificações. Em dados espaços sociais, sobretudo, o da mídia televisiva, os sujeitos buscam a fama a todo custo. Por um lado, temos uma motivação da televisão que oferece à mulher uma maior aceitação de si mesma. Passando a ser comparada como uma fruta, algo comestível. De outro lado, temos uma imposição negativa: as que estão fora dessa “ordem” poderão se sentir impotentes de si mesmas e marginalizadas através dessa *vontade de verdade*.

Ainda pensando na identidade do homem, seja ela política ou não, podemos ver em seguida a questão da identidade negra como é encarada nesse programa humorístico.

2.2 A IDENTIDADE NEGRA E SEU ESTEREÓTIPO

Somos condicionados por aquilo que tomamos como verdade acerca de nós mesmos. Isso quer dizer que os indivíduos constroem os seus significados a partir da interação por meio da linguagem. Nós nos significamos por meio da linguagem. É através desse processo de construção de significados que as pessoas tomam consciência de quem são e constroem as suas identidades. Trata-se de uma atividade que está sempre se modificando, uma vez que a sociedade está em constante mudança, conseqüentemente mudamos a nossa forma de pensar e de agir. Hall, (2006) diz que:

“A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através dos processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (...). Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’ sempre sendo formada. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso mundo exterior, pelas formas através dos quais nós imaginamos ser vistos pelos outros (...)”. (HALL, 2006, p.38-39)

Diante dessa afirmação, podemos perceber que a nossa identidade está sempre sendo construída, além do mais também somos produzidos de acordo com aquilo que pensam sobre nós.

Não podemos perceber a identidade como algo fixa, pronta e acabada. Hall (2006) defende que “as identidades modernas estão sendo descentradas pela dúvida e pela incerteza”. O conceito de identidade que pode ser melhor explorado é aquele que foge da rigidez, tem seus resultados transitórios, como um processo que ainda está em andamento, ou seja, uma identificação.

É por meio das relações de poder que somos comparados inseridos ou excluídos da ordem do discurso e associada a essas relações temos a vontade de verdade. Visando perceber o preconceito e a intolerância impregnados no uso da linguagem, em relação à identidade negra, tomamos o fragmento abaixo:

Além de ‘matar’ o trabalho, a melhor coisa da Copa é assistir o jogo com os amigos não é verdade? O problema é que quase sempre aparece um amigo ‘*mané*’ que sempre depois de encher os gorros, fica dando alteração, apurriando todo mundo, não deixando ninguém ver o jogo em paz, não é mesmo? E agora o que fazer com o ‘mala sem alça’ que enfia o ‘*pé na jaca*’ e fica um ‘*pé no saco*’?

Pois agora seus problemas torcedorísticos acabaram... *Discreto e confortável*: “Extreme total torcedor imobilizador TABAJARA” é um dispositivo totalmente super reforçado capaz de suportar ‘os malas’ mais insuportáveis, finalmente você vai ter o controle total até de seu amigo chato e mais pentelho.

E não é só apenas isso, o “Extreme total torcedor imobilizador TABAJARA” é o único que vem com cerveja *mire intubeitor* – o dispositivo exclusivo que faz você controlar o ‘goró’ do seu amigo durante a partida. Agora você pode torcer pelo hexacampeonato sem ter que aturar nenhum hexachato... Compre hoje mesmo. _

O episódio foi gravado num contexto de Copa do Mundo 2010, assim o programa se utiliza desse momento para criticar uma realidade social de alguns brasileiros que ‘matam o trabalho’ para assistirem a uma partida futebolística. Nesse momento, percebemos que o humor do programa está voltado para criticar a alienação dos brasileiros durante a Copa do Mundo. Percebemos que nessa cena-texto há um atravessamento do discurso depreciativo com o discurso de crítica social. Nesse primeiro momento de análise nosso olhar recai na construção linguística do texto, palavras ou expressões como: *mané*, *mala sem alça*, *pé na jaca*, *pé no saco*, *pentelho* e *goró* representam e corroboram para ratificar o humor depreciativo do programa, como estratégias para gerar o riso.

Essas expressões acima são utilizadas através de um mecanismo de gerar humor, mas se nos determos ao significado de cada termo empregado veremos que esses termos em geral se referem às pessoas que fazem pouco uso de sua inteligência, que suas atitudes são ridículas e idiotas.

Temos aí uma contribuição linguístico-discursiva que se tece na superfície dessa materialidade, a fim de propagar um humor que humilha, deprecia e marginaliza dadas identidades. Possenti (2008) ressalta que nem todo humor é progressista, não está preocupado com o desenvolvimento da sociedade, considera os programas humorísticos alicerçados no tipo do humor crítico, que apressadamente generaliza algumas ideias.

Quando recorremos para análise da identidade em questão, Coracini (2007) afirma que a identidade não está relacionada apenas ao que somos ou de onde viemos, mas, sobretudo, ao que nos tornamos. Como ocorre essa representação identitária e como esse modo de representar afeta a forma como nós podemos representar a nós mesmos, contribuindo ou formando assim uma auto-imagem. Os sujeitos modernos precisam ser vistos não como iguais, mas sim como diferentes, visto que a sociedade moderna é marcada pela diferença e é nessas diferenças ou por meio delas que construímos nossas identidades.

A cena do episódio ocorre na casa de um amigo, este convida vários outros amigos para assistirem a uma partida da copa, mas o que concerne ao nosso estudo é exatamente a escolha do ator de pele negra, com cabelos crespos e volumosos para encenar o papel do amigo chato e pentelho, que bebe muita cerveja, derruba objetos, pertuba incansavelmente com uma corneta, derrama a pipoca e não deixa ninguém em paz.

Temos aí um jogo com a memória discursiva e a atualidade, como essa identidade negra foi se construindo em um panorama social e histórico. Podemos afirmar que a formação discursiva da cena-texto concebe o negro como aquele que é rebelde e atua com comportamentos inadequados a dados ambientes. Esse legado histórico é proveniente do período da escravidão, em que a maioria dos escravos eram negros e submetidos a tarefas absurdas, resistiam assim aos poderes de seus senhores. Em segundo lugar, percebemos que a formação ideológica que perpassa o programa está arraigada em um discurso de intolerância e preconceito.

É essencial ressaltarmos que esse discurso humorístico é na verdade um produto sócio-histórico-ideológico que se consolida em sua relação com o real, com a história, com a memória. A imagem de identidade embora seja móvel, fragmentada e descolada, a pretensão desse discurso supõe ainda como verdade que ser negro é ser um 'mané'. Essa

percepção ainda tem nexos com a nossa colonização dos portugueses (brancos) com os índios. Os discursos que se constituem ao longo do episódio, humilham a identidade do negro, que sempre “fica dando alteração” e “apurriando todo mundo” e que é inconveniente, assim o sujeito-leitor (expectador) está sendo envolvido por um humor camuflado de violência, de preconceito e intolerância.

Segundo Leite (2008: p.27) “o preconceito é um fenômeno que se verifica quando um sujeito discrimina ou exclui outro, a partir de concepções equivocadas”. O sujeito-negro sempre esteve em questão e sempre foi alvo de crítica. Essa paisagem cultural de etnia e raça sempre esteve desintegrada, o sujeito negro sempre foi mantido nesse arsenal social de exclusão, na arena das grandes lutas, em busca de autonomia, da liberdade e de direitos iguais aos brancos.

Diante de suas reivindicações, o sujeito-negro conquistou novos espaços e alguns direitos. Conquistou sua “liberdade” e trilhou diferentes caminhos, daqueles que lhe eram impostos. Hoje pode estar no mesmo ambiente dos brancos, faz parte do sistema de cotas da universidade, pode estar nas capas de revistas porque é ícone de beleza. Embora essas práticas sinalizem por um lado, uma “liberdade” desse sujeito, por outro ainda temos um aprisionamento desse sujeito com sua historicidade. O lugar de um sujeito marcado pelo preconceito.

Na cena-texto, a imagem do negro de pés e mãos amarradas, com correntes e cadeados em quatro pedaços de madeira – “Extreme total torcedor imobilizador TABAJARA” nos remete diretamente ao período da escravidão, percebemos que essa forma de humor possibilita um resgate da memória histórico-discursiva. Essa memória se refere ao lugar que se constrói estereotipações, associações e significações acerca do negro. Uma memória discursiva constituída por imagens, em alguns livros didáticos, presentes na nossa formação escolar que promulga e consolida práticas excludentes e discriminatórias. De certo modo, os livros atuais não desenharam o mesmo perfil de negro do que um tempo atrás. Houve uma evolução significativa. Mas, não podemos negar que parte da população carrega indícios dentro de si dessa educação.

No trecho abaixo veremos mais uma vez a recorrência à identidade dos sujeitos negros e político, e mais uma vez a depreciação dessas identidades. Vejamos:

2.3 DESVELANDO O ‘CAFOFO’ DO OBAMA

E na rabanada nada? Bem... grandes líderes mundiais. A imprensa já saiu e nós estamos em total privacidade e podemos passar para o item mais importante da nossa reunião. (jogando bolinhas de papel) Acerta nessa careca. (Jureminha) Épa! Que é isso? Eu não acredito! Em plena noite de natal, vocês aqui reunidos. Vocês não tem mais o que fazer não é? (Obama) O mundo não para Jureminha, estamos aqui no meio da reunião do G 8, tratando de questões muito importantes. Não podemos interromper por nada. (Jureminha) Quer dizer então que tu não vais provar minha rabanada? Vais fazer essa defeita comigo?

Bom.. senhores isso e um caso de extrema importância e nós vamos ter que interromper essa reunião porque a rabanada da Jurema eu não perco por nada.

Oh Jurema da pra ver que sua rabanada é bem servida. Oh Barack não da pra entender que você gosta de uma coisa tão gordurosa dessas?

(...)

O problema é que a Michelle nunca deixa a gente passar o natal separado.

(Obama) Não esquenta porque eu estou aqui com seu presentinho (agarrando-a por trás). Eu não botei na árvore porque se não ia espetar. Presentinho não primo, presentão (kkk).

Fica tranquila que já pensei em tudo: vou dar boa noite cinderela para a patroa e para seu marido. E nós podemos fazer isso?

Yes, you can.

Tomando o texto como unidade de análise, percebemos nos fragmentos acima algumas evidências linguístico-discursivas que discutiremos a seguir. Palavras como “cafofo”, “rabanada” e “presentão” aparecem no texto de forma ambígua, o que causa outros sentidos em cada cena-texto. Discutiremos alguns jogos de verdade que asseguram e sustentam alguns slogans sociais que se retomam ao longo da história.

O programa *Casseta e Planeta*, através do discurso humorístico, formula essas cenas-textos estabelecendo uma ponte com o que é atual e o que já foi dito. Para isso, ele se utiliza, prioritariamente, de fatos mais recorrentes de domínio público. O episódio que analisamos agora foi gravado no mês de dezembro de 2009, então, toda a produção, espaço e cenário denotam o clima natalino e de festividades no final de ano. Porém, a comicidade depreciativa não é gerada em se falar do Natal, mas a temática natalina é uma condição de possibilidade para o discurso que deprecia o político.

Esse episódio assume a forma de piada política, uma vez que temos a representação do presidente americano Barack Obama. A história contada centra-se no comportamento irregular e vulgar do presidente entre outros detalhes. Temos a presença de três personagens representadas, a saber: o presidente, Michelle e Jurema. Esta última é uma personagem com estereótipo de brasileira ,de cor mulata que mora em um morro. E, segundo o desenrolar do episódio percebemos evidentemente a presença de um trio amoroso. Vale salientar que

Jureminha se enuncia como “prima” do presidente. Esse parentesco relaciona-se a cor de ambos, já que tanto Jureminha quanto o presidente Barack são negros, ou seja, ambos ocupam o mesmo espaço étnico na formação social.

Ao analisar uma piada política pode-se levar em conta o que POSSENTI (1998, p.110) afirma: “as piadas políticas são transitórias dado que exploram características específicas de determinados políticos ou das etapas da história pelas quais passa um país ou um governo”. São transitórias porque são feitas a partir de um recorte da história, ou seja, no momento de sua “fabricação” era algo que estava na ordem do discurso.

O presidente Barack Obama, que é aqui representado, é um advogado e político dos Estados Unidos, o quadragésimo quarto e atual presidente do país, desde 20 de janeiro de 2009, e o Nobel da Paz de 2009. Sua candidatura foi formalizada pela Convenção do Partido Democrata em 28 de agosto de 2008. No contexto estadunidense a ser eleito presidente estadunidense. Foi também o único senador afro-americano na legislatura anterior. Alguém que lutou muito para conseguir esse lugar tão prestigiado socialmente. Alguém que por ser negro também sofreu uma série de preconceito e exclusões.

Conseguimos resgatar através da memória discursiva que a cor negra foi o sinônimo de pobreza e de escravidão. Isto ainda mais se agrava quando nos referimos, sobretudo, aos EUA. Uma nação composta pela maioria de povos brancos. A prova maior se dá quando apontamos para as repercussões que a mídia fazia sobre a candidatura de Barack. Assumi a presidência em janeiro de 2009 e em dezembro desse mesmo ano ainda existiam comentários irônicos e preconceituosos por parte da mídia.

O que acabamos de ressaltar se justifica quando o *Casseta e Planeta* abre o episódio com a seguinte expressão: No “cafofo do Obama”. Essa expressão linguística denota uma casa pequena, com condições miseráveis. No episódio, este lugar é situado como sendo em um dos morros do Rio de Janeiro. O Cristo Redentor nos ajuda na identificação do espaço geográfico, o que nos permite dizer que esta cidade brasileira está relacionada também a uma paisagem geográfica com morros e casas humildes. A emergência deste discurso depreciativo se firma a partir de *jogos de verdade* que associam a identidade do negro ao pobre. O humor construído nessa cena-texto serve, tão somente, para ironizar uma realidade social do passado que se desmanchou e criticar uma nova realidade que se constrói. Além disso, podemos evidenciar que essa cena-texto nos possibilita uma relação entre o *dado* e o *novo*. O *dado* é perceptível quando o programa faz referência exclusiva à condição de que todo negro é pobre. O *novo*, porém se discursiviza a partir do momento em que temos um negro como presidente

da República dos EUA.

A segunda expressão: *e na rabanada nada?*, pode representar a vulgaridade, uma vez que esse termo rabanada é ambíguo e pode ser considerada como sendo uma comida feita com o pão. O outro sentido emerge de um termo vulgar: “*rabo*”, que se refere a parte das nádegas. Esse último sentido desemborça na prática de sexo anal. É a partir desses elementos linguístico-discursivos que temos a discursivização a cerca da identidade política de Barack Obama.

Ainda nesse primeiro momento do episódio, Jureminha abre a porta da sala de reuniões e encontra o presidente juntamente com outros líderes mundiais que formam a cúpula do G8 jogando bolinhas de papel uns nos outros. A preocupação primordial deste grupo na formação social deveria ser a de centrar-se em questões da economia mundial. É necessário afirmarmos que sempre o *Casseta e Planeta* coloca o político no lugar do ócio. As *vontades de verdade* promulgadas revelam que o político tem sempre tempo de sobra e que esse ambiente de trabalhos não é levado a sério, sendo semelhante ao circo em que acontecem brincadeiras e gozações.

Seguindo nossa análise, podemos observar também outras nuances do texto que se discursivizam, por exemplo, o fragmento: “a imprensa já saiu e nós estamos em total privacidade” representa um dos grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso. Para Foucault (2006), esse procedimento é chamado de *interdição*. Para este filósofo, “sabe-se bem que não se pode dizer de tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância”. Esse pensamento foucaultiano revela a essência de que o dito nem sempre pode circular em liberdade. Daí a funcionalidade do humor, falar de modo risível o que certamente não seria dito de forma séria.

Em seguida, podemos observar algumas construções linguísticas que colocam em questão a identidade do presidente Obama. Uma dessas construções é o slogan de sua candidatura. Existe uma historicidade que rege o slogan “*Yes, you can*”. O que traduzindo para o português temos: “sim, nós podemos”. Esse é um tipo de slogan político veiculado em sua campanha eleitoral, construído a partir de enunciados concretos que resume uma ideologia partidária. Para Possenti (2009, p. 128), esses slogans eleitorais são feitos sempre de uma espécie “de arquivo, na medida em que o efeito pretendido pela propaganda tem a ver com as retomadas e as associações realizadas pelos eleitores”. Desse modo – *Yes, you can* – representa para Barack sua história de lutas contra o preconceito aos negros. Alguém que lutou por seus direitos e conseguiu um lugar de destaque social.

Dizer este slogan antes das eleições representava algo diferente do que dizer o mesmo na atualidade. Depois de eleito, o slogan não se resume ao efeito de uma ideologia de candidatura de um homem negro, que foi pobre e humilde. O público, porém, percebe esses dois momentos discursivos que são (re) formulados. Ressaltamos ainda que o “*Yes, you can*” representa, no *Casseta e Planeta*, deboche quanto à situação do presidente trair sua esposa com a mulher da rabanada. O humor dessa esfera de produção não é utilizado para fins progressistas, antes tem como função principal causar depreciação das identidades em questão. Negando uma história de lutas contra preconceitos instituídos como naturais.

2.4 SOBRE O POLÍTICO BRASILEIRO

Para melhor compreendermos como a identidade política é abordada, vejamos a seguir outro episódio do *Casseta e Planeta*:

Em 2010, para comemorarmos os 50 anos de Brasília, vem aí a primeira minissérie, finalmente, filmada por câmeras de segurança. De Ladoaldo Silva, cinquentinha % (por cento).

- Oh governador, o senhor não acha que está escancarando muito não? 50% é demais!

- Eu não quero nem saber sobre a minissérie. Pode ser mini, mas a minha comissão NÃO!!! Me dá esse troço aqui rapaz, tá pouco, tá pouco!!!

Diante de uma piada como essa, percebemos que o *Casseta e Planeta* tenta denunciar a situação de degradação moral dos políticos. Para isso, a produção do programa se utiliza do gênero paródia para estabelecer um paralelo com a minissérie *Cinquentinha* da Rede Globo. Esta minissérie conta a história de três mulheres viúvas, na faixa etária dos 50 anos, do mesmo marido e que brigam entre si pela partilha do dinheiro e da herança.

A temática dessa minissérie brasileira consiste em briga pelo dinheiro tendo como um dos grandes suportes a ausência de ética. De igual modo, o programa parodia essa história inserido a figura dos políticos como sendo aqueles desprovidos de ética e capazes de capturar uma boa comissão financeira. O sinal gráfico de porcentagem % é o que causa a impressão imediata de dinheiro e não mais de idade como na minissérie. Este recurso gráfico se tornou possível porque a linguagem despertou uma pluralidade de sentidos. Dessa forma, o programa conseguiu formular sua significação partindo do que já era conhecido pelo telespectador na minissérie e na historicidade política. Temos outra vez no *Casseta e Planeta* a relação

do *dado* e *novo*. O *dado* é que os gabinetes políticos são, em grande maioria, palcos da desonestidade e da corrupção. O *novo* se manifesta quando esses “palcos” não estão mais no “anonimato”, antes são vigiados por sistema de segurança.

A emergência desse discurso nasce da nossa formação discursiva da atualidade. Considera os políticos como aqueles são contrários ao 13º salário de assalariado, mas por outro lado podem encher as “cuecas” e as “meias” de dinheiro da sociedade. No programa, a comemoração dos 50 anos de Brasília é feita de maneira imprudente, por pessoas desonestas com atitudes ilegais. Esse fato histórico social é redefinido, no *Casseta e Planeta*, e ganha novos sentidos no programa humorístico. Mas, toda essa produção discursiva não se dá do lugar comum. Todo esse emaranhado de discursos está dentro do *Arquivo*. Segundo Foucault (2009, p. 147), o arquivo, “faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados”. Logo, a cena-texto possibilita ao leitor-telespectador uma busca no arquivo desses registros sociais.

A expressão “finalmente filmada por câmeras de segurança” se configura como um *novo sobre um dado*. Outros enunciados paralelos a estes são resgatados do arquivo, a saber: que câmeras de segurança eletrônicas funcionam como sendo um dos inibidores de ladrões. Desse modo, políticos são comparados aos ladrões que roubam o dinheiro alheio e são totalmente desprovidos de ética social. A marca do deboche e da depreciação emerge com uma falácia, tomando uma parte como um todo. A afirmação contundente que o político faz “finalmente” pode levar o telespectador acreditar que a roubalheira dos políticos virou algo escancarado e que nem as câmeras de segurança podem impedir tais ações. Promulgar dadas “*vontades de verdade*” por um lado alerta a população do que está acontecendo com o dinheiro público, por outro lado colocam todos os políticos num mesmo lugar, o de ladrão, pode levar a população à apatia.

A expressão linguística, *de Ladroaldo Silva*, merece um destaque de análise. Um dos recursos do texto humorístico do *Casseta e Planeta* é a criação de neologismos, ou seja, a criação de uma palavra ou termo a partir de outras já existentes. O substantivo criado, *Ladroaldo*, retoma a palavra ladrão. E manifesta uma *vontade de verdade* acerca do sujeito-político: que todo político é ladrão, não se preocupa com o bem estar da população. O sobrenome Silva emerge nessa construção a fim de estabelecer ligação ao sobrenome do Presidente Lula. Essa ênfase não é aleatória, antes se firma pelo efeito de criação da linguagem a fim de causar ironia e a depreciação da identidade política. Bem como afirmar

que todo político é ladrão. O humor depreciativo se firma em debochar somente por debochar.

Uma das marcas do discurso humorístico do programa analisado é a criticidade e comportamento falacioso no tratamento dado as identidades. Mas, antes de falarmos um pouco sobre a identidade é importante dizermos que toda construção de estereótipos se dá através de uma vontade de verdade do programa, a de que todos os políticos são verdadeiros ladrões e não trabalham. Esse pensamento falacioso gera o que conhecemos como intolerância. Segundo Leite (2008, p. 21) a intolerância “pode, em seu sentido mais comum, ser empregado em referência à aceitação da diversidade de crenças e opiniões, principalmente religiosas e políticas”. O que de fato, pretendemos não é a plena concordância com tudo o que é proposto ao sujeito, mas a construção de uma opinião desprovida de atitudes de violência e agressividade.

2.5 ESTEREÓTIPOS FEMININOS: LOIRA BURRA E MULHER ADÚLTERA

Percebemos através dessas análises que as piadas humorísticas relacionadas às mulheres são, de fato, propagadoras de um discurso de ironia, que humilha e deprecia. Em sua grande maioria, essas piadas percebem a mulher enquanto objeto ou como sexualmente disponível. A personagem é uma loira que é tratada como se fosse burra. Vejamos a seguir as análises:

M- Ahhh!! Hum?hum? que é isso?que cheirinho é esse?

H- Ah, desculpa meu amor não sabia que você ia sentir o cheiro

H- Eu soltei aqui debaixo do cobertor!

M- Tá podre mesmo. O que você andou comendo?

H- Bom...tirando a loira burra de minha mulher, só o resto da torcida do flamengo.

M- Ah...mas eu estou morrendo de vontade de fazer uma boquinha...Mas como é que você quer seus ovos?

H- Eu quero mexido, mas mexe com jeitinho que eu não gosto deles espremidos.

As piadas que incluem loiras, geralmente, são disseminadoras de preconceito e de intolerância. No *Casseta e Planeta*, o discurso depreciativo que veicula nessas piadas, através do deboche, promove uma *vontade de verdade*. Essa última, como afirma Foucault (2006, p.18) “*tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção*”. Assim, fundamentou-

se historicamente, através do discurso machista, que mulheres que pintavam seus cabelos de loiros tinham uma vida promíscua e vulgar.

Porém é importante ressaltar que cada *vontade de verdade* é constituída de *jogos de verdade*. Estes funcionam como mecanismo que sustentam e asseguram uma suposta verdade, nesse caso, o programa *Casseta e Planeta*. A nossa proposta, seguido a do próprio Foucault, é que questionemos essas vontades de verdade que andam circulando na sociedade e, por fim, tratar o discurso enquanto seu *caráter de acontecimento*. Isso só é possível quando o resgatamos da historicidade e encontramos uma significação atual. Desse modo, o discurso de que todas as loiras eram burras fazia parte de uma vontade de verdade em um momento da história. Por terem a cor dos cabelos “adulterada”, as loiras foram colocadas no lugar inferior a das morenas. Esse comportamento feminino de pintar cabelos pode ser considerado como uma prática social de liberdade/autonomia. Mas, por outro lado ser diferente da sociedade pode gerar uma série de estereótipos infinitos a cerca dessa identidade em questão.

A vulgaridade expressa neste episódio pode ser apontada por algumas expressões do tipo: “o que você andou comendo?” , “vontade de fazer uma boquinha” e “como é que você quer seus ovos?”. Toda essa cena-texto acontece na cama de um casal, pela manhã, momento que antecede o café matinal. A mulher casada é loira e é comparada como burra, ou como podemos chamar de apática. Isto é evidenciado porque ela não sabe identificar o mau cheiro de uma gaze intestinal do marido, portanto, ela recebe a culpa de algo que não fez.

As expressões anteriores são de conhecimento popular e fazem parte do mesmo campo semântico. A primeira evidencia que a transa tem a conotação de comer alguma coisa, algo que é popularmente bem conhecido. A segunda se remete ao sexo oral e a última, portanto, acrescenta a segunda quando diz o método para a execução da tarefa. Essas expressões como “fazer uma boquinha” e “ovos bem mexidos” são ambíguas porque no contexto de café da manhã podemos utilizá-las normalmente sem que haja equívocos na comunicação. Já no *Casseta e Planeta*, temos um texto multissemiótico, ou seja, construído de imagens, palavras e sons. E isso é o que nos ajuda fazer tal leitura.

O que perpassa esse emaranhado discursivo é a condição de vulgarização explícita que a loira sofre, quer seja na intimidade com o marido ou quando avaliada cognitivamente. Esse tipo feminino é colocado em um lugar marginal em nossa sociedade e o que favorece efetivamente essas práticas de exclusão são os discursos disseminadores de preconceito e de intolerância. Segundo Leite (2008, p.20), preconceito é *a opinião sem julgamento*, pode também ser considerado como discriminação a partir de concepções equivocadas.

O “mito” de que todas as loiras são burras nasceu no cinema de Hollywood. Graças a Marilyn Monroe no filme “Os Homens Preferem as loiras” em 1953. A personagem por ela representada nasceu morena, mas só adquiri fama e sucesso depois que pintou os cabelos, uma loira que era “assassinava” a gramática e viva sendo paparicada por homens ricos. Essa construção preconceituosa formulou estereótipos que até hoje estão latentes em nossa sociedade. No Brasil, essa formulação ganhou mais ímpeto graças a uma mentalidade branqueadora.

Dessa forma, a mulher- loira é subjetivada na rede do poder. A mídia se apodera do discurso humorístico para causar humor, mas acaba gerando uma depreciação velada ou não. Tais discursos colocam as avessas a identidade feminina, sobretudo a das loiras. Esses discursos servem para “nutrir” esses estereótipos sociais. Como vimos acima, esse discurso preconceituoso e depreciativo referente às loiras não foram e não são originados nesse programa humorístico. Pois, em outros espaços sociais também percebemos a disseminação de tais discursos. A piada em quadrinho, que está em anexo foi retirada da internet e também está totalmente vinculada ao humor depreciativo.

A seguir analisaremos outro episódio do programa humorístico sobre a identidade feminina:

O que acontece depois que as novelas acabam? Esse intitulado episódio do programa *Casseta e Planeta* têm como foco parodiar uma novela da época: Caminho das Índias. A novela escrita pela Glória Perez aponta para um estereótipo feminino sedutor, atraente, totalmente desprovida de princípios morais. Algo muito bem apontado na personagem Norminha, representada pela atriz Dira Paes.

Desse modo, o “*Casseta e Planeta*” consegue parodiar, ironizar criticamente, acentuando pejorativamente as marcas do caráter da personagem. As atitudes dessa personagem ganha um novo foco. Temos novas construções de estereótipos de homem e mulher. Assim como também, colocamos como foco de análise a identidade da mulher. Vejamos alguns fragmentos para análise:

Mal a novela Caminho da Índias acabou, a foga e estonteante e apimentada Norminha, já está envolvida com um novo projeto.

(Norminha): - Estou metida, engatada, aliás engajada em um projeto: “norminhas do amanhã”.

(Marido de uma aluna): - Ah Dona Norminha, já que é pra ser corno, eu prefiro que minha florzinha aprenda a pular a cerca com quem sabe. Eu posso ficar tranquilo?

(Norminha): - aqui na minha ONG, vocês norminhas do Brasil vão aprender a cuidar muito bem dos chifres dos seus maridos....Você pode resolver o seu problema aqui mesmo em casa, com tanto vizinho dando sopa, tantos prestadores de serviços, um bombeiro, um chaveiro... o menino da tv à cabo....vamos dar de comida aos menininhos?

Essas cenas-texto arroladas para análise pelo viés da AD implicam, primordialmente, um olhar para as identidades postas em questão, a saber: “mulher safada” e “marido corno”. Inicialmente, deteremos o nosso olhar para um ponto lingüístico do texto. O nome da personagem é escrito no diminutivo, a fim de corroborar para uma impressão de mulher frágil, coitada, indefesa e ingênua. Algo que se desconstrói pelas próprias atitudes da mesma.

Sabemos que a nossa língua funciona ideologicamente, abrigando em sua natureza o lugar dos equívocos. Segundo (ORLANDI, 2007, p. 37): “se o real da língua não fosse sujeito a falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dois sentidos”. Diante dessa afirmação, percebemos que todo enunciado da língua pode estar ligado ao equívoco. Sendo, portanto que nem os sujeitos e nem os discursos já estão prontos e acabados. O trabalho de interpretação serve para tentar evitar os possíveis equívocos. Sabemos que esse processo acontece quando o leitor-expectador é capaz de estabelecer ligações com o que é dito e com o que foi dito. Estabelecer uma ligação sob um prisma sócio-histórico-ideológico.

Assim, percebemos que o texto constitui-se a partir dos discursos está ligado ao discurso, pois não existe discurso sem texto e vice-versa. Para Orlandi, “o texto é heterogêneo, ele é afetado de muitas e variadas maneiras pela discursividade”. Logo, ambos são indissociáveis. Em um espaço existente entre esses dois é que jogam os diferentes gestos de interpretação, um gesto que revela não haver linguagem sem interpretação.

Partimos do pressuposto que o discurso é a materialidade da ideologia. Visualizamos com isso que cada cena-texto é produzida para transmitir uma mensagem com valor ideológico. O uso de algumas palavras ou expressões como “corno” e “pular a cerca” servem para manifestar um discurso camuflado de um humor depreciativo, que acentua de maneira negativa o comportamento de dadas identidades sociais, políticas e/ou religiosas.

O que é pertinente a nossa análise é o primeiro olhar sob o comportamento de Norminha. Uma mulher, sobretudo casada com um guarda de trânsito, que sempre aparece nas cenas com um vestido curtíssimo e com decotes extravagantes. A personagem ganhou destaque sob a música de forró: “você não vale nada”. Norminha apesar de ser casada, desenvolve em seu meio social, algumas relações extraconjugais. A personagem, de forma

sorradeira, engana o marido dando a este um leite com “boa noite cinderela”. Assim, consegue fugir e ter uma “vida livre” sem a vigilância e os cuidados do seu marido.

No programa Casseta e Planeta, esse episódio assume a forma de paródia da novela, porém, em cada cena – texto, percebemos marcas que expõe de forma negativa a identidade da mulher. Colocando-a em um lugar marginal na sociedade. Sobre Paródia do *Casseta e Planeta*, podemos perceber uma referência aos fatos ocorridos na novela do “horário nobre” da Rede Globo, reconstruindo-os ou apenas trocando letras, caso que acontece principalmente nas músicas.

Expressões adjetivas como “metida”, “fogosa”, “apimentada”, “cair de boca”, “pular a cerca” são nuances que encontramos no texto que demarca uma formação social que tem valores aos avessos. Uma formação que coloca o homem com o “corno manso” e favorece a mulher o direito autêntico de agir sem respeito contra si mesma e contra o outro, nesse caso, seu marido.

É importante ressaltarmos que o discurso depreciativo geralmente vem aliado com um discurso falacioso, isto é, conceitua e define apressadamente o comportamento de um indivíduo como sendo pertencente do coletivo. Para melhor exemplificarmos o que acabamos de afirmar, analisemos esses fragmentos: *aqui na minha ONG, vocês norminhas do Brasil vão aprender a cuidar muito bem dos chifres dos seus maridos... Você pode resolver o seu problema aqui mesmo em casa, com tanto vizinho dando sopa, tantos prestadores de serviços, um bombeiro, um chaveiro... o menino da tv à cabo... vamos dar comida aos menininhos???*

A expressão em destaque é expansiva e tenta mostrar uma caracterização homogeneizante das mulheres, conforme vemos na figura em anexo. Pois de modo crítico se estende as mulheres que são adeptas desse molde de vida conjugal. Isso é maléfico, uma vez que dissemina valores sociais e pontos ideológicos que não são coerentes com todas as mulheres de nossa sociedade. Se tratando da questão das identidades, podemos considerar esse discurso como um dispositivo que estilhaça e arrebenta as identidades, uma vez que coloca a mulher como escrava da sexualidade. Desse modo, percebemos que tanto homens, como mulheres estão sendo imersos em uma construção discursiva velada com o humor depreciativo.

Sobre a questão das identidades, é importante ressaltarmos que os sujeitos constroem as imagens que tem de si mesmos, pela alteridade. É pela visão que temos do outro quem nos redefinimos. São as inúmeras vozes que circulam na mídia, em geral que constitui em nós um sujeito diferente. Assim, não apresentamos a identidade como algo fixa e acabada, mas algo

sempre em evolução. Constitui-se pela polifonia dos sujeitos, pelo imaginário socialmente construído que habitam a memória discursiva dos mesmos.

CONCLUSÃO

A linguagem humorística, em especial a que está atrelada ao programa analisado, veicula de algum modo uma estereotipação corrompida de discriminação, preconceito e de intolerância. Assim, o humor aqui estudado se desenvolve dentro de um processo de comunicação, cujo objetivo é atacar e depreciar dadas identidades. É importante ressaltar que existe outra forma de humor, aquele que é irreverente encontrado no escritor Millôr Fernandes. Com isso, não queremos afirmar que a linguagem que circula no programa é única e exclusivamente de deboche. Esse humor é perpassado, em algum momento, por um humor progressista ou de crítica social.

Podemos concluir que no “Casseta e Planeta” circulam vários discursos ideológicos que exercem grande influência na construção de identidades, pois aquilo que somos nasce da influência produzida a partir dos significados que estão inerentes nas relações de comunicação e nas construções identitárias que acontecem em nosso redor.

Outro fato de descoberta na nossa pesquisa é que o “Casseta e Planeta” está fundamentado no humor ofensivo que dissemina formas de preconceito e de intolerância e ideologias dominantes em nossa sociedade. Por isso, para fazer uma leitura desta natureza é necessário que o leitor esteja inscrito numa formação ideológico e seja também consciente das condições de produção que fomentaram o discurso. Justificamos assim a necessidade de estabelecermos uma prática de leitura nas escolas como um mecanismo de diminuição da violência.

A *desleitura* do “Casseta e Planeta” nos possibilitou uma percepção ampla de como o texto produz sentidos através de seus mecanismos linguístico-discursivos, compreendendo os processos de significação que constituem o texto como processo sócio-histórico e ideológico, auxiliando-nos, desta forma, nas habilidades de produção de leitura e de escrita.

É importante afirmar que ler é uma atividade política, como tal exige que se saiba *desconstruir leituras anteriores para que novas e inovadoras surjam no horizonte, reconstruir desafios sob o signo da dúvida e da incerteza, sobretudo, superar-se como leitor e autor sempre* (DEMO, 2007, p.56), aprendendo assim, como já dissemos, a *arte de desler*.

Dessa forma, este trabalho monográfico pode vir a contribuir para que os leitores possam observar criticamente o que está sendo dito nos discursos que estão sendo materializados linguisticamente, auxiliando-os na construção de uma visão mais crítica diante desses textos em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político; derivas da fala pública*. São Paulo: Claraluz, 2006.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DANTAS, Aloísio de Medeiros. *Sobressaltos do Discurso – Algumas aproximações da análise do discurso*. Campina Grande: EDUFCEG, 2007.

- DEMO, Pedro. *Leitores para sempre*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying; como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Verus, 2005.
- FONSECA, Márcio Alves da. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense universitária: Vozes, 2009.
- _____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. IN: *Ética, sexualidade e política*. Trad.: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos e Escritos vol. IV.
- _____. *Microfísica do Poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995a.
- _____. O sujeito e o poder. In.: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense, 1995b.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 12. ed. Petrópolis: Vozes. 1995c.
- GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: contexto, 2009.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Discurso e mídia; a cultura do espetáculo*. São Paulo: Claraluz, 2003.
- _____. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. 3.ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MILANEZ, Nilton. O corpo é um arquipélago: *memória, interinconicidade e identidade*. In: NAVARRO, Pedro (org). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Paulo: Clara Luz, 2006.
- OLIVEIRA, Maria Angélica de. *Na imortalidade da fábula: o mesmo e o novo como jogos de verdade*. Tese (de Doutorado) Universidade Federal da Paraíba. 177p. 2005.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos*. Campinas: 3 ed. Pontes Editores, 2008. p.31-73.

_____. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

POSSENTI, Sírio. *Humor, Língua e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Os limites do sentido*. Curitiba: Criar, 2002.

_____. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

_____. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso? In.: MARINHO,

REVEL, Judith. *Michel Foucault: Conceitos essenciais*. São Carlos: Clara Luz, 2005.

www.superinteressante.com.br. André Santoro, Inteligência capilar. Acesso: julho 2010.

www.humorbabaca.com/quadrinhos/quadrinhos-diversos/loiras-burras. Acesso: julho 2010.